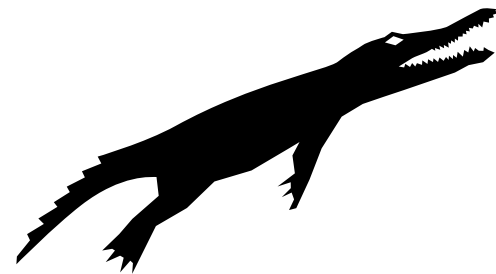


O
CROCÓDILO
QUE
VOA

ENTREVISTAS A LUIZ PACHECO



Organização
e introdução de
JOÃO PEDRO GEORGE

LISBOA:
TINTA-DA-CHINA
MMVIII

*À senhora doutora Eduarda Rosa,
açoriana e poetisa,
excelente*

© 2007, Luiz Pacheco e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua João de Freitas Branco, 35A
1500-627 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30
E-mail: info@tintadachina.pt

www.tintadachina.pt

Título: O Crocodilo Que Voa.
Entrevistas a Luiz Pacheco
Autores: Luiz Pacheco e entrevistadores
Organização e introdução: João Pedro George
Revisão: Tinta-da-china
Capa e composição: Vera Távares

1.ª edição: Fevereiro de 2008
ISBN: 978-972-8955-48-9
Depósito Legal n.º 269825/08

ÍNDICE

PREFÁCIO II
Cousas loucas acertadas

INVENTÁRIO DAS ENTREVISTAS 35

PARA DAR O EXEMPLO 39
Carlos Quevedo e Rui Zink, revista *K*

OLHÓ PACHECO! SACANA LIBERTINO ESCRITOR 73
Baptista-Bastos, *O Inimigo*

SOU UM MORIBUNDO ALEGRE 85
Mário Santos, *Público*, «Leituras»

ISTO SÓ ME TEM DADO CHATICES 99
João Paulo Cotrim, *Ler*

LUIZ PACHECO: O DISCURSO DO LIBERTINO 135
Cláudia Galhós, *Blitz*

LUIZ PACHECO, ANTES QUE SE DEIXE MORRER 153
Paula Moura Pinheiro, *Já*

A VELHICE DO GUERRILHEIRO DA ESCRITA 163
Rodrigues da Silva e Ricardo de Araújo Pereira
Jornal de Letras, Artes e Ideias

ESTÚPIDOS, CONFORMISTAS, COBARDES:
É A MAIORIA DA MALTA... 191
João Pedro George, blogue *Esplanar*

EU NÃO SOU UM MARGINAL, PORRA. SOU UM SENHOR 231
Pedro Castro, *A Capital*

GUERREIRO PACHECO 253
Pedro Dias de Almeida, *Visão*

UM DIÁRIO INTEIRAMENTE LIVRE 263
Rodrigues da Silva, *Jornal de Letras, Artes e Ideias*

NÃO ESTOU AQUI A FAZER POSE 277
Ricardo Nabais e Vladimiro Nunes, *Sol*

ÍNDICE ONOMÁSTICO 301

LUIZ PACHECO: NOTA BIOGRÁFICA 311

PREFÁCIO

Cousas loucas acertadas

LUIZ PACHECO PERTENCIA àquele tipo de pessoas que tem o dom da conversação. Ouvi-lo dar uma opinião ou narrar uma historieta, uma recordação inesperada, é uma experiência que perdura na memória. Fosse pela agilidade mental ou pelo implacável sentido da lógica, pela sinceridade desarmante ou pelo desapego de quem não quer ser correcto ou bem-comportado; fosse pelas intervenções cómicas, o humor negro, o absurdo, o sarcasmo, a picardia, o cepticismo de quem viu e viveu muito, de quem teve uma experiência imensa, um íntimo conhecimento do ser humano. Com alguém assim, acreditem, aprende-se muito.

Felizmente, os jornais e as revistas perceberam isto há algum tempo, e não se dispensaram de publicar, regularmente, entrevistas com Luiz Pacheco¹. Só tenho de aplaudir, porque esta atenção da imprensa, é de presumir, deu-lhe novo ânimo como escritor e ampliou-lhe o número de leitores, em particular entre as gerações mais novas. Facto é, porém, que esta curiosidade nem sempre teve, diga-se, as melhores razões. Porque o que interessava realmente, por vezes, era captar o lado pitoresco ou castiço, como nos fenómenos de feira. Era colher indiscrições, era dar à estampa, na primeira página, em letra redonda, um título

¹ O inventário das entrevistas que conseguimos apurar pode ser consultado no final deste prefácio.

provocador². Os jornalistas, que já lhe conheciam a índole «malevolente» (é o próprio que o confessa, na entrevista a Mário Santos), iam à cata do mexerico, da inconfidência, da intriga: «Quem são os teus inimigos? Nomeia cinco prosadores que detestes» (B-B, 1994); «Quem é que faz questão de não ler?»; «E a Agustina?», «E o Cesariny?», «Ainda lê o Miguel Esteves Cardoso?» (Salazar, 1998); «E Vergílio Ferreira?» (Santos, 1995); «E o último do Saramago?» (Galhós, 1995); «E a Agustina? Mas gostas ou não gostas?» (Rodrigues da Silva/Araújo Pereira, 1997); «Já que falamos do Torga...» (Ferreira Alves/Sepúlveda, 1988); «São maus, o António Barreto e o Sarsfield Cabral?», «O que lhe sugere António Guterres?», «E o Cavaco?» (Vasco Almeida, 1998); «Gosta da escrita de António Lobo Antunes?», «E José Saramago?», «O que nos diz dos políticos?», «Gosta do José Sócrates?», «Mas gosta de Pedro Santana Lopes?» (Assor, 2007).

A este respeito, valha a verdade, Luiz Pacheco não foi nenhum desmancha-prazeres e, escusado será dizê-lo, raramente os jornalistas voltavam para as redacções de mãos vazias. Não porque quisesse ocupar o palco a qualquer preço, mas porque lhe estava no sangue e porque conquistara, há muito, esse direito, essa liberdade de dizer o que lhe dava na gana. Era rude? Era torcido? Era cruel? Talvez. Era inconveniente? Rompia em excessos? Descambava nas indelicadezas? Dava respostas chulas? Melhor! Quando à nossa volta o clima mental é lúgubre e estéril; quando o meio literário em que vegetamos não promove o espírito crítico, antes o comércio escuro e as mútuas medidas (mas isto é como malhar

² Exemplos: a entrevista de João Vasco Almeida, na revista *Ego*, com o título «Guterres tem ar de padre»; de Fernando Esteves, no semanário *O Independente*, com esta frase na primeira página: «Santana só fez merda na Câmara de Lisboa mas eu acho graça a isso»; ou a de Miriam Assor, no *Correio da Manhã*, com o título «Sócrates? Quem é? Não o conheço».

em ferro frio, quem é que quer saber disso?), abençoado Pacheco! Num ambiente destes, repito, as judiarias e o temperamento belicoso do Luiz tinham um efeito desinfectante. E atirar à cara dos obsoletos literatos locais uns quantos raciocínios sumários, aplicar-lhes algumas dentadas de cobra cascavel, fazendo-lhes sangrar o orgulho, era um dever, mais, era um sinal de civilização.

EXCENRICIDADE E MALDIÇÃO

O Luiz Pacheco criou uma personagem, contribuiu voluntariamente para levantar uma lenda à sua volta, ou fomos nós que a criámos? As duas coisas. Luiz Pacheco sempre foi um crítico arrojado e um tipo singularmente divertido, um trocista desbragado, com um desplante e uma sem-cerimónia invulgares. Um homem que não levava a sério as regras consuetudinárias nem os convencionalismos da moral. Em suma, alguém que não fazia parte da normalidade social, aquilo que as sociedades consideram um indivíduo «extravagante» ou «excêntrico»³. Ora bem, por via de regra, todos os grupos humanos têm, sempre tiveram⁴, o seu quinhão de excêntricos, necessitam mesmo deles. O excêntrico é algo que se deve ter, um adorno que fica bem, mais a mais no mundo das artes e das letras, que necessita mostrar a sua diferença relativamente

³ A palavra «excêntrico» aponta para a ideia de um sujeito extravagante ou esquisito, mas também para uma outra, importante neste comenos: algo (ou alguém) que está fora do centro.

⁴ «Claro que há sistemas sociais e políticos que não podem permitir-se, nem permitem, aceitar a excepcionalidade (relativa) do extravagante. Mas são poucos. Durante o franquismo mais duro, por exemplo, Foxá, d'Ors ou Dalí não só foram aceites como até bem-vindos.», Carlos Castilla del Pino, «Extravagante, excêntrico, raro», em Carlos Castilla del Pino (org.), *La extravagancia*, Madrid, Alianza Universidad, 1995, p. 27.

aos outros meios sociais (mais «vulgares»), e cujo prestígio assenta, em grande medida, numa retórica da originalidade e da transgressão. O excêntrico, como no passado os bufões ou os bobos — aqueles que diziam « cousas loucas e cousas acertadas » (Manuel Laranjeira) — é alguém que tem por função divertir, provocar, surpreender, ou seja, aliviar a tensão que nos provocam as exigências dos compromissos sociais.

Sucedee, todavia, que ganhar o estatuto de «excêntrico» ou «extravagante» é um processo demorado e precisa do seu tempo, não é título que se conquiste da noite para o dia. Requer uma persistência no relacionamento insólito ou inusitado com os outros, bem como uma desobediência, mais ou menos constante, em relação a algumas regras sociais. Após uma surpresa inicial perante um acto que foge ao comum, e verificando-se uma regularidade nesse comportamento, a sociedade, como medida preventiva, cria uma nova expectativa em relação à conduta desse indivíduo e à forma como passará a relacionar-se com ele. Segundo Carlos Castilla del Pino, professor de Psiquiatria da Faculdade de Medicina de Córdoba⁵, isso vai conferir ao «excêntrico» um grau de liberdade a cujo luxo os outros não se podem dar. Dito de outra maneira, é-lhe concedida uma «licença excepcional». No entanto, há um preço a pagar por isso: o excêntrico tem de comportar-se, daí para a frente, de acordo com as expectativas entretanto geradas nos outros, tem de ser coerente com a sua excentricidade, «tem de fazer permanentemente de extravagante, constituir-se “no” extravagante do grupo, para cumprir a função de divertir.»⁶

Estas ideias, julgo, aplicam-se na perfeição ao caso Luiz Pacheco. Vejamos a questão das expectativas. Em Novembro de

1999, quando o livro *Prazo de Validade*, que reunia as crónicas do jornal *Público*, foi lançado na galeria de arte Santiago, em Palmela, o jornalista Paulo Morais escreveu o seguinte: «(...) Luiz Pacheco não defraudou todos os que se encontravam no interior da Galeria, uma vez que levantando-se, recusou aceder aos pedidos para dizer algumas palavras, apenas afirmando “quero-me ir embora, já estou farto de estar aqui...” Quase que poderíamos afirmar que se ele tivesse falado, se tivesse dado importância ao acto (...), não estaria a corresponder ao que os seus admiradores se habituaram a esperar da sua pessoa.»⁷ Havia um lado de previsibilidade, por assim dizer, no imprevisível que era Luiz Pacheco. Não se trata de deixar de nos surpreender, mas sim de — previsivelmente — continuar a surpreender-nos. A expressão «com o Pacheco nunca se sabe...»⁸ é bem significativa. E por isso Baptista-Bastos podia dizer, com desportivismo, que sabia que «um dia destes, se lhe der na mona, ele dirá pessimamente de mim soltando casquinadas intermitentes, a sua forma de escárnio e mal-dizer.»⁹

Em 1992, a revista *K* publicou uma entrevista onde Luiz Pacheco distribuía bordoadas. Logo de seguida, o jornal *Tal & Qual* quis saber as reacções dos eleitos¹⁰. Fernando Dacosta, considerado «pretensioso» por Pacheco, disse que «isso que ele diz não tem importância nenhuma. Estou habituado há 20 anos às suas amizades e traições...». Além do mais, que aprecia mesmo essa

7 Paulo Morais, «Luiz Pacheco sempre com *Prazo de Validade*», *O Setubalense*, 20 de Novembro de 1999, p. 4.

8 *Diário de Lisboa*, suplemento literário, 19 de Agosto de 1971, p. 5.

9 Baptista-Bastos, *Diário Popular*, suplemento «Letras e Artes», 22 de Dezembro de 1977, p. VI (sobre a publicação do livro *Textos Malditos*, incluído na contracapa de *Textos de Guerrilha* — 2, Lisboa, Ler Editora, 1981).

10 Fernando Brederode Santos, «Eu é que os topo», *Tal & Qual*, 17 de Julho de 1992, p. 18.

5 Carlos Castilla del Pino, *ibidem*, pp. 11-5.

6 *Idem*, *ibidem*, p. 31.

Demonstra um grande amor pelas pessoas que estavam à sua volta. Diz que se pode viver à base do amor, que é a ideia mais romântica que pode haver.

Vocês não têm noção disso, mas há ali pequenas insinuações, pequenas reticências: o que pensa uma mulher, uma mãe, a dar leite ao filho? Quem é que pode adivinhar?

A quem acha graça hoje em dia?

Agora acho muito pouca graça. E aqui então não se pode. Já mandei uma gaja aí à merda. Porque isto é um ambiente deprimente. Sexualmente isto é um desgosto. Mas aqui há namoros! É claro que vocês estão cá meia hora e depois arejam. Mas para a pessoa que cá fica... o que vale é que estou isolado... Também é muito cedo para dizer que estou mal. Ainda estou a experimentar. Em oito dias, só hoje é que fui conhecer o andar de cima. Ainda me desnorteia, não sei onde é o elevador. De resto, isto parece-me muito bom. É melhor do que eu supunha. Mas é difícil achar graça a alguma coisa com esta idade. Tenho 82 anos, porra! Há aquela coisa que é a PDI, a Puta Da Idade, o caruncho... E o velho, geralmente, é egoísta. Ou é mais egoísta do que o novo. Mas estou a falar de coisas muito tristes...

Convenhamos que, ao longo da vida, o Luiz Pacheco também não se tratou muito bem.

Não, tratei-me! Fui conservado em álcool. A questão é que não havia dinheiro para grandes rambóias. Não estou taralhoco de todo. Estou é um bocadinho desmemoriado e tomo muitos medicamentos.



ABELAIRA, AUGUSTO: 115, 174-5, 182, 203
 Abreu, António: 273
 Abrunhosa, Pedro: 137
 Adamapoulos, Sarah: 298
 Adelina Maria (filha de Luiz Pacheco): 236, 266
 Agualusa, José Eduardo: 296
 Al Berto: 280
 Alberto, Mário: 60
 Alegre, Manuel: 92, 196, 257, 281
 Almeida, Ana: 298
 Almeida, António José de: 257
 Almeida, António Manuel Tavares de: 22, 26
 Almeida, António Victorino de: 128
 Almeida, Virgínia de Castro e: 249
 Alves, Clara Ferreira: 193
 Alves, Fernanda: 214
 Alves, Manuel: 50
 Alves, Maria Helena da Conceição (mulher de Luiz Pacheco): 77, 158, 185, 187, 204, 239, 248
 Amado, Jorge: 184
 Andrade, Eugénio de: 32, 63, 88, 132, 176
 Antas, Pedro: 270
 António, Lauro: 217, 267
 Antunes, António Lobo: 12, 82, 91, 95, 128, 179-81, 205, 224, 250, 276, 292
 Araújo, Matilde Rosa: 111-2, 204
 Assor, Miriam: 12, 285
 Aurélio, Diogo Pires: 178
 Azevedo, José Baptista Pinheiro de: 259
 BACELAR, JOSÉ: 114
 Balsemão, Francisco Pinto: 286
 Baptista, António Alçada: 127, 223, 274, 286
 Baptista-Bastos, Armando: 12, 15-6, 19, 25-6, 29, 120, 142, 178-9, 220-1, 224-5, 240, 290
 Barradas, Acácio: 30-1
 Barreira, Cecília: 25, 130
 Barreiros, Quim: 282
 Barreto, António: 12, 105
 Barros, Aureliano: 127
 Barroso, Maria: 169
 Beauvoir, Hélène de: 204
 Beauvoir, Simone de: 204
 Beckett, Samuel: 62, 64, 81
 Beethoven, Ludwig van: 42, 75
 Belém, Vítor: 221
 Beltrão, Luísa: 129

- Bénichou, Paul: 28
 Blasco, Celso Hermínio: 75
 Bocage, Francisco Manuel de Melo: 24, 122, 213
 Botto, António: 24
 Boshoff, Isabel: 238-9
 Braga, Emílio: 267
 Braga, Mário: 88
 Branco, Camilo Castelo: 23, 26, 83, 121, 207
 Brederode Santos, Fernando: 15, 25
 Bretz, Chico: 214, 218, 268
 Breyner, Nicolau: 144
 Brissette, Pascal: 27
 Brito, Casimiro de: 19
 Brito, João: 168
 Bukowski, Charles: 109
- CABEÇA DE VACA (alcunha de Álvaro Santos): 268, 287
 Cabral, Francisco Sarsfield: 12
 Cabral, Pedro Álvares: 225
 Caetano, Marcelo: 79, 207, 259
 Caires, Ângela: 16, 25
 Calvino, Italo: 64
 Camões, Luís Vaz de: 24, 51, 105, 156, 168, 170, 173, 199-200, 207, 249, 288, 299
 Campos, Álvaro de: 132
 Capote, Truman: 66
 Cardigos, Jaime Lopes: 115
 Cardigues, Eugénio Morais: 175, 203
 Cardoso, Miguel Esteves: 12, 52, 95, 144, 178, 281, 296
 Carrilho, Manuel Maria: 200
 Carvalho, Carlos: 203
 Carvalho, Mário de: 110, 121, 128, 143
 Carvalho, Raul de: 274
- Carvalho, Ruben de: 275
 Carver, Raymond: 120, 178-9
 Casanova, José: 112, 140
 Castelo, Virgílio: 179
 Castilla del Pino, Carlos: 13, 14, 19, 20
 Castro, José Maria Ferreira de: 82, 181, 186
 Castro, Manuel de: 53, 176, 243
 Céline, Louis-Ferdinand: 213
 Cesariny, Mário: 12, 21, 25, 30, 50, 53-6, 59, 63, 69, 89, 93-4, 109, 113, 115, 118-9, 125, 129, 131-2, 146-7, 149, 156, 170, 172, 174-6, 178, 180-4, 193, 202, 204, 206, 208-9, 213, 223, 226, 229, 243, 268, 280
 Chagall, Marc: 96
 Champalimaud, António de Sommer: 273
 Chaplin, Charles: 184
 Chorão, João Bigotte: 202
 Cícero: 200
 Cláudio, Mário: 17, 63, 181, 250
 Coelho, A. do Prado: 199
 Coelho, Carlos Pinto: 143
 Coelho, Eduardo Prado: 199-200, 298
 Coelho, Jacinto do Prado: 199
 Colombo, Cristóvão: 225
 Correia, Hélia: 95, 181, 301
 Correia, Natália: 17, 29, 46, 48, 55, 116, 145-6, 156, 236, 241
 Correia, Romeu: 172
 Costa, Carlos Eurico da: 88
 Costa, Delfim da (personagem fictícia inventada por Manuel de Lima, Natália Correia e Luiz Pacheco): 20, 149
 Costa, Iran: 137
- Costa, José Fonseca e: 145
 Costa, Maria Velho da: 95, 250
 Costa Pinto, Cândido: 173
 Coutinho, Rosa: 259
 Crespo, Manuel Grangeio: 22
 Cunhal, Álvaro: 93, 170, 260
 Cunhal, Avelino Henriques da Costa (pai de Álvaro Cunhal): 170
- D. JUAN (personagem literária): 47
 d'Arc, Joana: 112
 d'Ors, Eugénio: 13
 Dacosta, Fernando: 15, 53
 Dacosta, Luísa: 131
 Dantas, Júlio: 149
 Delgado, Humberto: 207
 Deus, João de: 62, 104
 Dickens, Charles: 212
 Dietrich, Marlene: 82
 Dionísio, Mário: 115, 175, 201
 Domingues, António: 110
 Domingues, Mário: 110
 Duarte, Maria João: 260
 Duarte, Maria João Rolo: 223, 286
 Duarte, Pedro Rolo: 286
 Duro, José: 23
- EANES, ANTÓNIO RAMALHO: 274
 Elísio, Francisco Manuel Filinto: 24
 Elsa Isabel: 77, 238, 268
- Ferreira, António MEGA: 25, 29, 64, 110, 235, 266
 Ferreira, Costa: 45
 Ferreira, José Gomes: 29, 177, 184, 208-9, 213
 Ferreira, Serafim: 25, 220
- Ferreira, Vergílio: 12, 17, 32, 43-4, 56, 59, 60, 64, 82, 92-4, 102, 110, 116-7, 128, 156, 179, 181, 220-2, 271-2
 Figueiredo, Maria: 202
 Filipe, Daniel: 176
 Flaubert, Gustave: 122
 Fonseca, Manuel da: 184, 250
 Forte, António José: 30, 55, 69, 226-7
 Forte, António Luís: 53
 Foxá, Agustín de: 13
 Franco Oliveira, Guida: 115
 Furtado, Catarina: 133
- GALHÓS, CLÁUDIA: 251
 Gama, Lia: 217, 271
 Gama, Vasco da: 225
 Gardner, Ava: 82
 Garrett, Almeida: 131
 George, João Pedro: 246, 271, 284-5
 Gil, Augusto: 200
 Gomes, Álvaro: 213
 Gomes, Fernando António: 205
 Gomes, Francisco Costa: 259
 Gomes, José Pedro: 179
 Gomes, Soeiro Pereira: 110, 150
 Gonçalves, Vasco: 111
 González, José Carlos: 53
 Guedes, Maria Estela: 220
 Guerra, Acácio Gomes: 289
 Guerra, João Paulo: 56
 Guimarães, Bárbara: 200
 Guimarães, Dórdio Leal: 89
 Guterres, António: 12, 92, 98
- HELDER, HERBERTO: 59-60, 63, 93, 116, 127, 131-2, 146, 156, 176, 178, 181, 184, 204, 220, 276

Heleno, Manuel: 169
 Herculano, Alexandre: 207
 Herman José (von Krippahl): 132, 282
 Hermínio, Celso: 75

IONESCO, EUGÈNE: 81
 Isidro, Júlio: 282

JASMIM (poeta Miguel de Castro):
 96
 João II, rei Dom: 83

LACLOS, PIERRE CHODERLOS DE: 218
 La Féria, Filipe: 178
 Lara, António Costa de Albuquerque
 de Sousa: 17
 Laranjeira, Manuel: 14, 23
 Leal, António Duarte Gomes: 23
 Leal, Raul: 216, 244
 Leiria, Mário-Henrique: 53, 179
 Leite, Manuela Ferreira: 270, 286
 Lima, Ângelo de: 23, 206
 Lima, Bernardo: 68
 Lima, Manuel de: 29, 53, 116, 131, 149,
 205, 237
 Lindolfo, Mário: 66, 234
 Lisboa, António Maria: 23, 53, 176,
 204
 Lisboa, Máximo: 29
 Listopad, Jorge: 59
 Lopes, Fernão: 51, 105, 200
 Lopes, Óscar: 56
 Lopes-Graça, Fernando: 56, 129
 Lourenço, Eduardo: 114
 Loures, Carlos: 29
 Lúcio, Álvaro Laborinho: 102
 Luís, Agustina Bessa: 12, 17, 33, 180-1

MACHADO, DINIS: 80, 179, 219, 221,
 250
 Manaças, Carlos: 256
 Manuel I, rei Dom: 83
 Maria Antonieta: 103
 Marques, Raul Malaquias: 34
 Martinho, Virgílio: 17, 53, 214, 221
 Martins, Joaquim Pedro de Oliveira:
 207
 Matias, Maria do Carmo: 48-9, 158,
 291-2, 295
 Matias, Maria Irene: 48, 69, 77, 158,
 236, 238, 291-2, 294
 Matos, Nelson de: 269
 Medina, Henrique: 127
 Melo, Carlos Galvão de: 259
 Melo, Fernando Ribeiro (Bento) de:
 46
 Melo, Serafim: 84
 Mexia, Pedro: 25, 29
 Miguéis, José Rodrigues: 121
 Monroe, Marilyn: 82
 Monteiro, Adolfo Casais: 208, 250
 Monteiro, Nelo: 137
 Moraes, Daniel de: 202
 Morais, Paulo: 15
 Moura, Vasco Graça: 29, 235, 266
 Mourão-Ferreira, David: 128, 274
 Mozart, Wolfgang Amadeus: 75-6,
 95, 144

NAMORA, FERNANDO: 44, 56, 82, 110,
 128, 170, 220-2, 250
 Natália, Maria: 111, 202
 Negreiros, José Sobral de Almada: 29,
 148-9, 172
 Nemésio, Vitorino: 201, 298

Neto, Cecília: 234
 Nobre, António: 23
 Nóbrega, Isabel da: 195-6, 214, 224
 Nogueira, Bernardo Sá: 227-8

O'NEILL, ALEXANDRE: 63, 113, 172
 Oliveira (Cavaleiro de Oliveira),
 Francisco Xavier de: 24
 Oliveira, Arlinda Franco de: 175, 204
 Oliveira, Carlos de: 115, 174, 184, 250
 Ortega y Gasset, José: 149

PACHECO, JOÃO MIGUEL: 93, 98, 151,
 258
 Pacheco, Luís José: 236, 241, 266
 Pacheco, Maria Eugénia: 47, 69, 236,
 266
 Pacheco, Maria Luísa: 266
 Pacheco, Mário: 51
 Pacheco, Paulo: 44-5, 82-3, 88-9, 151,
 155, 182, 219-20, 235-6, 255-6, 266, 271
 Paixão, Pedro: 94, 120, 178-9, 281
 Pasolini, Pier Paolo: 125
 Passos, Fernando: 214
 Pedro (da Costa), António: 173
 Pedro, Edmundo: 212
 Pedrosa, Inês: 53, 64, 251
 Pelayo, Jorge: 201
 Pereira, António Maria: 202
 Pereira, Henrique Garcia: 219, 268
 Pereira, Jaime Aires: 33
 Pereira, Ricardo de Araújo: 282
 Pereira, Simão: 50
 Pessoa, Fernando: 24, 89, 112, 115, 132,
 147, 175, 184, 275
 Pinheiro, Bordalo Rafael: 75
 Pinto, Margarida Rebelo: 251

Pires, José Cardoso: 16-7, 51-2, 55-6,
 58, 105-6, 111, 145, 150, 156, 187,
 201-2, 248-9, 252
 Pomar, Júlio: 96
 Ponte, Bruno da: 119
 Pontes, Dulce: 282
 Portugal, Helena: 169
 Praça, Afonso: 16, 19, 220
 Proença, Raúl: 24
 Proust, Marcel: 174

QUEIRÓS, JOSÉ MARIA DE EÇA DE: 75,
 104, 121-2, 130-1, 201
 Quental, Antero de: 23

RAMALHO, ROSA: 63
 Ramos, Artur: 22, 103, 127, 169, 174,
 196, 211
 Read, Herbert: 114
 Redol, Alves: 150, 170, 172, 250
 Régio, José: 79, 121, 209, 250
 Reis, Carlos: 181
 Resende, Garcia de: 51, 200
 Reys, Luís da Câmara: 105, 168, 200,
 207
 Ribas, Tomás: 176
 Ribeiro, Anabela Mota: 241
 Ribeiro, Aquilino: 110, 121, 173
 Río, Pilar del: 159
 Rocha, Jaime: 281
 Rocha, João Evaristo Moraes: 248
 Rodrigues, Armindo: 176
 Rodrigues, Celeste Pereira: 200
 Rodrigues, Eduardo Ferro: 111-2,
 170-1, 202
 Rodrigues, Francisco Castro: 202
 Rodrigues, João: 214-5

Rodrigues, Miguel Urbano: 56
 Rodrigues, Urbano Tavares: 56, 141, 156, 169, 178, 201, 269
 Rosa, António Ramos: 174, 298
 Roulet, Lionel de: 202
 Ruivo, Mário: III, 202

SÁ-CARNEIRO, MÁRIO DE: 23, 29
 Sacramento, Mário: 56, 94
 Sade, Marquês de: 45, 55, 217-8
 Saias, Luís: 105
 Salazar, António de Oliveira: 79, 83, 97, 110, 129, 139, 170, 174, 199, 212, 239
 Salgari, Emílio: 105
 Sampaio, Ernesto: 213-14
 Sampaio, Jaime Salazar: 51, 55, 105, III, 115, 127, 170, 174, 199, 201-4
 Sampaio, Jorge: 51, 98, 274
 Santana Lopes, Pedro: 12, 83, 195, 223, 260-1, 286, 295
 Santos, Alves dos: 244
 Santos, Delfim: 105, 168, 201
 Santos, Fernando Brederode: 15, 25
 Santos, Joly Braga: 201
 Santos, José Carlos Ary dos: 21, 56, 112, 140
 Santos, Nicolau: 295
 Saraiva, José Hermano: 282
 Saramago, José: 12, 16-9, 43-4, 52, 55, 63, 81, 143, 147, 150, 156-7, 159, 161, 180-1, 223-4, 250, 260, 276
 Scarlatti, Eduardo: 170
 Segorbe, Isabel: 224
 Seixas, Artur Cruzeiro: 30, 280
 Seixo, Maria Alzira: 117
 Sena, Jorge de: 149

Sepúlveda, Torcato: 20, 25, 35, 116, 193
 Sequeira, Domingos: 107
 Sérgio (de Sousa), António: 174
 Serôdio, Pedro:
ver Cunhal, Avelino Henriques da Costa
 Shepard, Sam: 178-9
 Silva, Agostinho da: 282
 Silva (o Judeu), António José da: 23
 Silva, Ana da: 17, 24
 Silva, Ana Pereira da: 33
 Silva, Aníbal Cavaco: 12, 83, 97, 257
 Silva, Armando Antunes da: 171
 Silva, José Manuel Rodrigues da: 221
 Silva, José Mário: 25
 Silva, Maria Natália Duarte: III
 Silva, Rodrigues da: 283
 Silveira, Pedro da: 206
 Simões, João Gaspar: 29, 115
 Soares, Mário Alberto Nobre Lopes: 21, 54, 89, 92, 141, 169, 235, 257, 274, 295
 Soares, Torcato de Sousa: 207
 Sócrates, José: 12, 287
 Solnado, Raúl: 297
 Sousa, António de: 174
 Sousa, Marcelo Rebelo de: 234
 Spínola, António de: 259

TAVARES, MIGUEL SOUSA: 88, 281
 Tavares, Vítor Silva: 87, 208, 216-7, 228, 238, 267
 Tchékhov, Anton: 118-9, 179, 214
 Thomaz, Américo: 60
 Tito Lívio: 200
 Tojal, Altino do: 130
 Tolentino, Nicolau: 23

Torga, Miguel: 12, 17, 89, 91-3, 102, 110, 129, 156, 181, 184, 250, 271-2
 Toscanini, Arturo: 129

VAILLANT, ROGER: 45
 Valadares, Isabel: 167
 Valente, Vasco Pulido: 296
 Vasco (Agostinho de Castro): 75, 93
 Vasconcelos, José Carlos: 93, 221
 Vasconcelos, Maria de Fátima Mascarenhas de: 69, 77, 186
 Venâncio, Fernando: 29
 Verde, José Joaquim Cesário: 23
 Verne, Júlio: 75, 104

Vian, Boris: 150
 Viana, António Manuel Couto: 202
 Vicente, Gil: 51, 105, 200
 Vidal, Vasco: 174, 201, 203
 Villaret, João: 170
 Vinhas, Manuel: 127, 299
 Vitorino: 128, 201, 298
 Voltaire: 118-9

WALLENSTEIN, CARLOS: 116, 206
 Warhol, Andy: 155

ZOLA, ÉMILE: 122

LUIZ PACHECO

Nota Biográfica

LUIZ JOSÉ MACHADO GOMES GUERREIRO PACHECO nasceu no dia 7 de Maio de 1925, em Lisboa. Foi filho único. Em 1936, entrou para o Liceu Camões. De entre alguns colegas, destacam-se José Cardoso Pires e Jaime Salazar Sampaio. De entre os professores, Rómulo de Carvalho, Luís da Câmara Reis e João de Brito. Nos tempos do Liceu Camões, Pacheco iniciou a sua actividade editorial com o jornal *O Pinguim*. Antes de completar 20 anos, já havia lido as obras de Fernão Lopes, Gil Vicente e Garcia de Resende. Entrou na Faculdade de Letras de Lisboa, curso de Filologia Românica, isento de propinas, devido à excelente classificação no exame de admissão. Foi aluno de Andrée Crabée e Delfim Santos, entre outros, obtendo a classificação de 18 valores pela dissertação em literatura que apresentou a Vitorino Nemésio. Nunca terminou o curso.

Com a idade de 20 anos, passaria pelo primeiro processo judicial, devido à relação amorosa com Maria Helena Alves, a criada da casa, de 14 anos, que veio a ser a sua primeira mulher, em consequência do processo. Simultaneamente, apaixonou-se por Maria de Fátima Vasconcelos, mantendo com esta uma relação paralela.

Ainda desta época datam as colaborações n' *O Globo* e em *Afinidades*, com críticas literárias e traduções; José Cardoso Pires, Mário Dionísio e Joly Braga Santos a haveriam de ser por ele convidados a escrever nestas publicações. Conheceu Mário Cesariny de Vasconcelos em 1946, encontro que determinaria a